



**Declaração à imprensa seguida de entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em conjunto com a Presidente da Argentina, Cristina Kirchner**

**San Juan-Argentina, 03 de agosto de 2010**

\_\_\_\_\_ : (em espanhol)

**Presidente Cristina Kirchner:** (em espanhol)

\_\_\_\_\_ : (em espanhol)

**Presidente Cristina Kirchner:** (em espanhol)

**Presidente:** Bem, primeiro, como de costume, cumprimentar a minha queridíssima amiga e excelentíssima senhora Cristina Kirchner, presidente da Argentina,

Queria cumprimentar o embaixador Hector Timerman, por meio de quem cumprimento os demais integrantes da delegação Argentina,

Cumprimentar o embaixador Celso Amorim, por meio de quem cumprimento os demais membros da delegação brasileira,

Cumprimentar os companheiros da imprensa,

Cumprimentar os nossos convidados que estão aqui presentes.

Duas coisas que eu considero extraordinárias, que aconteceram no dia de hoje. Primeiro, o resultado do último dia da presidenta Cristina Kirchner como presidenta *pro tempore* do Mercosul. Eu, que era o decano na reunião dos presidentes do Mercosul, posso testemunhar a excelência do trabalho que a companheira Cristina fez para que o Mercosul pudesse avançar de forma



extraordinária. E ela disse uma coisa que eu não sei se todo mundo prestou atenção: a eliminação da dupla cobrança da tarifa externa comum foi uma coisa extraordinária, que estávamos brigando há muito tempo e que parecia impossível.

A única coisa que a companheira não conseguiu fazer na presidência *pro tempore* do Mercosul – e não foi por culpa dela – foi a conclusão do acordo Mercosul/União Europeia. Eu torcia para que houvesse um acordo, não só pelo carinho que eu tenho pela Cristina, mas porque, também, o companheiro Zapatero, primeiro-ministro da Espanha, era presidente da União Europeia, e eu sonhei que poderia acontecer na presidência dos dois o acordo do Mercosul com a União Europeia. Não foi possível. Agora, eu assumi a presidência *pro tempore*, eu vou ter que tentar trabalhar muito [com] companheiro Sarkozy, porque a França tem sido um dos países que mais tem feito oposição à conclusão do acordo Mercosul/União Europeia. Agora, cabe a mim a tarefa de tentar, até dezembro, quando nós fizermos a reunião do Mercosul, convencer a União Europeia e, sobretudo, convencer a França de que o acordo é importante.

Bem, depois do sucesso da reunião do Mercosul, e posso dizer aos companheiros argentinos, sobretudo, à imprensa argentina, eu que participo do Mercosul desde de 2003, posso dizer para vocês, sem medo de errar, que essa foi a reunião mais importante que eu participei do Mercosul e, eu diria, a mais produtiva e a mais, eu diria, tranquila e coesa, porque mesmo na divergência, a gente, sem precisar ninguém brigar com ninguém, nos colocamos de acordo com o argumento. Esse é um dado extraordinário para quem duvidava do Mercosul; e também porque do ponto de vista econômico, o Mercosul dá uma resposta excepcional àqueles que apostaram a vida inteira no fracasso do Mercosul.

Nós, nesse primeiro semestre deste ano, já chegamos a mais de 15 bilhões entre Brasil e Argentina – somente Brasil e Argentina - e se tudo correr



do jeito que estamos esperamos poderemos chegar aos 30 bilhões que nós já tivemos. É uma quantia que nenhum argentino por menos que goste da Cristina e nenhum brasileiro por menos que goste do Lula possa reclamar do sucesso do Mercosul, se nós chegarmos a esse montante.

Uma outra coisa importante é o avanço da relação bilateral entre Brasil e Argentina. Cristina, como eu estou chegando ao final do mandato e quando a gente vai chegando ao final do mandato a gente vai lembrando das coisas que a gente fez, nós vamos lembrando das coisas que poderíamos ter feito mais rápido, e nós vamos lembrando das coisas que a gente não fez.

Certamente, quando eu não for mais Presidente do Brasil, daqui a sete meses, oito meses, um ano, eu vou ter mais clareza das coisas que a gente poderia ter feito e que a gente não conseguiu fazer; e eu tenho certeza que o ex-presidente Kirchner, hoje, tem mais clareza, porque o tempo vai passando e a gente vai maturando as coisas que a gente poderia ter avançado e que não avançou por desconfiança, não avançou por falta de informação.

Mas eu queria dizer, Cristina, que nesses anos de convivência, primeiro com o Kirchner, depois com você, eu acho que nós deixaremos como legado na nossa passagem pela Presidência de Argentina e do Brasil uma coisa de um valor incomensurável. Não apenas a questão dos avanços comerciais, dos arranjos produtivos, das questões culturais, da melhor relação entre a nossa diplomacia, da melhor relação entre o nosso comércio. Mas eu acho que nós deixamos um legado nessa relação Argentina-Brasil: é que nós já não nos vemos mais como adversários ou inimigos, como nos víamos há um tempo atrás.

Ou seja, hoje nós criamos uma relação de respeito na diplomacia, nós criamos uma relação de respeito na relação empresarial. E, cada vez mais, eu quero que empresários brasileiros façam investimento na Argentina, e cada vez mais eu quero que empresários argentinos façam investimento no Brasil. Cada vez mais eu quero turistas brasileiros em Buenos Aires e em toda a Argentina,



e cada vez mais eu quero turistas argentinos no Brasil.

Eu estou sabendo que Buenos Aires está entupida de brasileiros, para tudo quanto é lado. Dizem que os argentinos, quando estão andando pelo (incompreensível) de Buenos Aires, já não sabem mais o idioma que estão falando, se é português, espanhol ou portunhol. E eu fico muito feliz, mas muito feliz que os brasileiros possam conhecer mais a Argentina, e fico feliz quando os argentinos podem conhecer o Brasil.

Eu fico pensando, uma coisa que está mexendo com a minha cabeça, é na Copa do Mundo de 2014, se a Argentina, que certamente será classificada, porque a gente não pensa em uma Copa do Mundo sem a Argentina classificada. Se a chave da Argentina cair ou São Paulo ou Rio Grande do Sul ou Paraná, eu penso que nós vamos ter de 3 a 4 milhões de argentinos tomando conta do território nacional. Então, acho que vai ser uma coisa extraordinária. Pela primeira vez a gente vê o povo pobre da América do Sul podendo transitar de carro e ir assistir a uma Copa do Mundo, que é uma coisa extraordinária.

Então, eu quero terminar as minhas palavras, porque eu sei que a imprensa está sequiosa para fazer pergunta, dizendo ao povo argentino, à imprensa argentina que eu sou muito agradecido. Eu sempre disse que Deus foi muito generoso comigo, ou seja, sair de onde eu saí e virar presidente da República do país e, sendo presidente da República do país, conseguir estabelecer a política de amizade que nós fizemos na América do Sul; construir a Unasul; fazer com que o Mercosul que estivesse [estava] desacreditado, a elite daquela época só falava em Alca, Alca, Alca, Alca, e nós, em vez da Alca, fortalecemos as nossas economias, as nossas relações. E o companheiro Kirchner e eu demos um passo importante, depois com o Tabaré, depois com o Nicanor, para fortalecer o Mercosul. E está, hoje, o Mercosul realizando um acordo histórico, de um lado com o Egito e de outro lado com Israel, para ninguém botar defeito de que nós temos preconceito contra quem quer que



seja.

Então, eu queria dizer que Deus foi generoso porque permitiu, Cristina, que eu presidisse o Brasil no meio de um período que o Kirchner, primeiro, e que você presidiu a Argentina. Eu espero que a relação entre o Brasil e a Argentina continue cada vez mais se fortalecendo, porque o dia que a Argentina e o Brasil descobrirem que, juntos, eles poderão se transformar em uma potência econômica muito mais forte e muito mais competitiva, eu acho que ninguém segura o crescimento desses dois países. E em vez de ficarmos disputando por coisas pequenas, vamos nos aliar pelas coisas grandes que o mundo pode depender de Argentina e do Brasil.

Obrigado, querida, pelo carinho que dedicou a mim, hoje e sempre.

**Presidente Cristina Kirchner:** (em espanhol)

\_\_\_\_\_ : (em espanhol)

**Jornalista:** (em espanhol)

**Presidente Cristina Kirchner:** (em espanhol)

\_\_\_\_\_ : (em espanhol)

**Jornalista:** (em espanhol)

**Presidente Cristina Kirchner:** (em espanhol)

\_\_\_\_\_ : (em espanhol)



**Jornalista:** (em espanhol). Presidente, hoje o porta-voz do Ministério das Relações Exteriores do Irã disse que o senhor tem uma personalidade emotiva e fez uma proposta de asilo à iraniana Sakineh sem informação suficiente. Nós gostaríamos de saber, se possível, qual o seu comentário sobre essa afirmação, se o senhor reitera a oferta de asilo à iraniana e, além disso, qual a sua opinião sobre a política de direitos humanos no Irã. Obrigada.

**Presidente:** Primeiro, eu fico feliz que um ministro do Irã tenha percebido que eu sou um homem emocional, e sou muito emocional. Segundo, eu não fiz um pedido de asilo, não fiz. Eu fiz um pedido mais humanitário do que uma coisa política. Eu não sei como é que você recebeu a informação. Eu estava em um comício na cidade de Curitiba, no estado do Paraná, ao lado da minha candidata, que é uma mulher, e eu tinha visto no dia anterior uma fotografia, não sei se montagem ou não, de uma mulher enterrada até perto do pescoço para receber pedra.

Eu sou cristão e eu disse no meu comício apenas o seguinte: pelo respeito que eu tenho ao Irã, pela relação de amizade que nós construímos, eu como cristão acho que só Deus tem o direito de dar a vida e só Deus tem o direito de tirar a vida. Então, eu acho que o apedrejamento é uma morte tão bárbara que eu disse para ele que o Brasil receberia essa mulher de braços abertos, e não poderia matar a mulher. Antes disso, o Celso Amorim, 15 dias atrás, já tinha feito um apelo para que houvesse, por questões humanitárias, suspender a condenação da mulher, porque pelo que se fala na imprensa ela ou vai morrer apedrejada ou vai morrer na forca, ou seja, nenhuma das duas mortes é confortável e é humanamente aceitável.

Então, é por isso que eu fiz esse apelo, e obviamente que, se houver a disposição do Irã em conversar sobre esse assunto, nós teremos imenso prazer de conversar e, se for o caso, essa mulher poderia vir para o Brasil. Para mim não teria nenhum problema. Agora, também fiz questão de dizer que a



gente aprendeu como Chefe de Estado a respeitar as leis de cada país, a Constituição de cada país.

Sobre a questão de direitos humanos no Irã, veja, eu não conheço profundamente como é que funciona o Irã. O que eu sei é que cada país tem a sua lei, cada país tem a sua Constituição, cada país tem a sua religião, e nós precisamos, concordando ou não, temos que aprender a respeitar o procedimento de cada país. Acho que se nós aprendêssemos a respeitar a soberania de cada país seria muito, muito, muito, muito melhor. Agora, obviamente, minha filha, que eu, pela minha existência política, pela minha história política, eu sou amplamente favorável aos direitos humanos, eu sou amplamente favorável que não tenha ninguém preso por discordância política. Eu fui vítima disso... eu não posso desejar que alguém seja, ou melhor, sofra pelo que eu sofri: ser preso, porque discordava das políticas de quem estava no governo. Agora, nós temos que respeitar a soberania de cada país.

\_\_\_\_\_ : Folha de São Paulo.

**Jornalista:** Boa tarde, presidente Lula, boa tarde, presidente Cristina. Presidente Lula, restam cinco meses para o final do seu governo. O senhor ressaltou a necessidade de os países sul-americanos sentarem para conversar, apesar de os governos da Venezuela e da Colômbia não dialogarem. Qual seria a sua estratégia, enfim, a estratégia que o senhor usaria nas conversas com o presidente Chávez e com o presidente eleito da Colômbia, Juan Manuel Santos, pra convencê-los a se sentarem. Também aproveito para aproveitar... os colegas chilenos pediram para perguntar, enfim, ao senhor, por que o senhor citou o exemplo de fazer as pazes com o presidente chileno, Sebastián Piñera, quando deu exemplos de conflitos. Há algum motivo para fazer as pazes com ele?



**Presidente:** Não, não entendi essa segunda parte da pergunta.

**Jornalista:** Os colegas jornalistas chilenos disseram que o senhor citou, enfim, o senhor citou: “Ah, posso fazer as pazes (incompreensível), fazer as pazes com o presidente do Chile, Sebastián Piñera”, e eles entenderam que pode haver algum motivo para fazer as pazes com ele.

**Presidente:** Não, eu acho que houve um equívoco.

**Presidente Cristina Kirchner:** (em espanhol)

**Presidente:** Eu acho que houve uma confusão, sabe?

Olhe, primeiro, nesses oito anos que eu passei na Presidência do Brasil, eu trabalhei o tempo inteiro para que nós construíssemos uma harmonia entre todos os países da América do Sul. O fato de você respeitar e querer que haja harmonia, você tem que levar em conta as divergências, muitas vezes momentâneas, que existem entre dois países. Nós tivemos o problema da Argentina com o Uruguai, tivemos o problema do Brasil com a Bolívia, tivemos o problema do Brasil com o Paraguai, tivemos o problema da Venezuela com a Colômbia.

Ora, a cada momento a gente vai fazendo uma reflexão para saber se essas divergências, em uma análise de custo/benefício, se elas trouxeram benefício ou trouxeram custo. Eu fiquei tão feliz quando a Cristina e o companheiro Pepe Mujica resolveram... fiquei como se fossem dois filhos meus fazendo uma bondade, de tão feliz que eu fiquei com a volta à normalidade entre a Argentina e o Uruguai. Hoje nós não temos nenhum problema com o Evo Morales e com a Bolívia, não temos nenhum problema com o Paraguai. Eu fui agora ao Paraguai para dar início a uma linha de transmissão de, praticamente, 500 quilômetros, fomos dar início à construção de uma fábrica de





cimento brasileira no Paraguai. E eu acho que a Venezuela e a Colômbia precisam compreender, em uma relação de custo/benefício, o que pode acontecer com os dois países no médio e no longo prazo.

Veja, eu não quero me meter no problema interno da Venezuela e não quero me meter no problema interno da Colômbia. O problema interno de cada país é um problema interno de cada país. O que eu posso falar, o que Cristina pode falar é que, como nós temos relações com os dois países, é que para nós quanto mais se estabelecer a harmonia entre Colômbia e Venezuela, quanto mais voltar a ter uma relação diplomática produtiva, mais ganhará o povo da Venezuela e mais ganhará o povo da Colômbia. Eu estou convencido.

Eu não sei se entenderam mal, o que eu disse é o seguinte: eu tenho, segunda-feira, uma bilateral com o Chávez, terça-feira eu vou à posse do presidente Santos, e para provar ao Uribe que eu não tenho nada contra ele, eu vou até ao jantar do Uribe na segunda-feira à noite, na terça à noite, na sexta à noite, sexta à noite. Na quinta-feira, eu vou à Bolívia, não, na sexta-feira, à Venezuela, à noite eu vou para a Colômbia e sábado participo da posse na Colômbia. Porque foi isso que eu fiz durante oito anos na Presidência: tentar construir harmonia entre os companheiros, não vai ser na minha saída que eu vou criar qualquer desarmonia.

\_\_\_\_\_ : (em espanhol)

**Jornalista:** (em espanhol)

**Presidente:** Posso, Cristina? É porque tem a companheira jornalista que fez a pergunta que falou da relação Brasil-Irã e, agora, o companheiro também falou da relação do Brasil e do Irã.

Primeiro, o Brasil tem relação com todos os países do mundo. No caso do Irã, se as informações que chegaram aqui, na Argentina, chegaram



equivocadas, não é culpa minha e nem do ministro Celso Amorim. Porque nós não nos propusemos fazer acordo entre Irã e a Agência Nuclear, não foi esse o nosso objetivo, não tínhamos procuração e não poderíamos fazer. O que se argumentava era que o Irã não sentava à mesa de negociação nem com a Agência, nem com o Grupo de Viena, que era Estados Unidos, Rússia e França, para conversar. O que nós dissemos é que era possível o Irã conversar, e Turquia e Brasil – o Celso fez várias viagens à Turquia para conversar com o Primeiro-Ministro –, nós nos dotamos da certeza de que o Irã poderia conversar. Não sei se o companheiro jornalista está lembrado que, quando eu cheguei a Moscou, um jornalista fez uma pergunta: “Qual era o grau de otimismo, de zero a 100, que o Medvedev tinha da possibilidade de o Irã concordar conosco”. O Medvedev disse: “Trinta por cento”, e eu disse: 99,9%.

Nós chegamos ao Irã, a primeira coisa que o Irã cumpriu conosco foi liberar a francesa que estava presa, que a gente estava discutindo com eles desde Copenhagen, da COP 16, bem antes, da COP 15. Pois bem, então o companheiro Ahmadinejad liberou a francesa, às 5h da manhã, quando eu tinha chegado lá, à meia-noite. Ele cumpriu uma primeira coisa que tinha assumido conosco. O acordo foi praticamente 18 horas de conversa com o Líder Supremo, com o Larijani, que é o líder da oposição e presidente do Congresso, com o Primeiro-Ministro e com os físicos.

Ora, o que aconteceu de fato e de concreto? É que, no dia seguinte, às 9h da manhã, o Irã concordou em assinar uma declaração de que ele iria sentar à mesa de negociação e cumpriu mais, cumpriu mais: venciu na segunda-feira o prazo para ele mandar a carta para o Grupo de Viena e ele mandou no domingo à noite. O que eu estranhei, e aí, eu até agora estou estranhando, é por que os que duvidavam de que o Irã ia sentar para negociar, quando o Irã aceitou negociar, resolveram dizer que era preciso aumentar as sanções ao Irã.

Hoje já está público isso, já está público, mas a carta que o Irã assinou



com o Brasil e com a Turquia é, *ipsis litteris*, a carta que o Obama mandou para mim e mandou para o Primeiro-Ministro da Turquia, dizendo quais seriam as bases aceitáveis para a conversa. Ora, o que é estranho é que quando o Irã assina a carta, os que estavam pedindo aquilo não querem mais aquilo.

Bem, como eu não tinha outra finalidade, como eu não tinha procuração, eu parei por aí. Ou seja, o meu papel e o papel da Turquia era apenas o de convencer o Irã a ir para a mesa de negociação e de o Irã concordar em mandar para a Turquia 1.200 quilos de urânio bruto, para receber, depois, o urânio enriquecido a 20%. Tudo isso ele concordou. O que eu estranhei é: os que queriam isso, não quiseram mais. Agora, vamos ver o que vai acontecer.

E quero dizer que foi extraordinário Argentina e Brasil assumirem uma posição de trabalharem juntos nessa questão nuclear. E eu penso igual à Cristina, ou seja, não ter arma nuclear não é apenas para o Brasil, para a Argentina ou para o Irã, é para os países que têm começarem a desativar. Porque foi por isso que nós assinamos o Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares, porque senão o mundo fica desigual. Então, foi apenas isso, ou seja, o Brasil não tinha nenhum compromisso de acordo com o Irã, a não ser de convencer o Irã a ir para a mesa de negociação.

Agora, eu acho, meu querido companheiro jornalista, que tem mais gente não querendo acordo do que querendo acordo. Tem mais gente querendo que haja tensão no mundo do que haja distensão no mundo.

**Presidente Cristina Kirchner:** (em espanhol)

\_\_\_\_\_ : (em espanhol)

**Jornalista:** (em espanhol)

**Presidente Cristina Kirchner:** (em espanhol)



**Presidente:** Veja, eu acho que era importante só que os companheiros da imprensa percebessem o seguinte: nós, presidentes, sofremos pressões de muitos segmentos da sociedade. Por exemplo, no Brasil, entra um grupo de empresários na minha sala para reclamar que o dólar está muito baixo e que era preciso aumentar o dólar, porque ele é exportador. Eles acabam de sair da minha sala, entra um outro grupo, que é importador, que acha que o dólar está alto, que era preciso baixar um pouco o dólar. Você tem grupos econômicos brasileiros que estão sempre querendo apenas ganhar e grupos argentinos que estão sempre esperando ganhar, porque todo mundo quer só vender, ninguém quer comprar.

E qual é o comércio importante entre duas nações? É um comércio que seja equilibrado, em que seja uma via de duas mãos, em que um ano um país possa ter um superávit, no outro ano o outro país tem o superávit, para todo mundo ficar confortável. Às vezes, pode ter um segmento industrial que vai ao Brasil reclamar de que está entrando muito produto argentino no Brasil; às vezes, vem um grupo de empresários argentinos reclamar que tem muito produto. E nós, governos, existimos para isso: é para a gente sentar as pessoas juntas e perceber que se eu ganho em dez, eu preciso perder em alguns. E tem gente que não compreende isso, tem gente que reclama, mas essa é a vida do governo.

O que é importante, gente, o que é importante é que vocês têm que lembrar o que era o comércio Brasil e Argentina em 2002. Quanto era, Celso? Nove bilhões, oito bilhões, sete bilhões, gente. É isso que vocês têm que lembrar. Eram apenas sete bilhões, *siete mil millones* – meu espanhol fluindo perfeitamente *bien*. Pois bem, era... Hoje, nós estamos falando em 30 *mil millones* de dólares. Gente, não é pouca coisa, não é pouca coisa. Tem gente que ficou dez vezes mais do que nós no poder e não conseguiu chegar a isso.

E o que eu acho fantástico? É que o potencial de Argentina e Brasil é



infinitamente maior. E o que eu acho mais importante é que se conseguirmos juntar a capacidade da Argentina com a capacidade do Brasil, a gente pode jogar um jogo, no mundo, muito mais forte, do ponto de vista econômico.

Eu fico olhando o mapa mundi todo dia, e fico olhando os chineses precisando de mais comida, e fico olhando os indianos precisando de mais comida, e fico olhando não sei quem precisar de mais comida, e eu fico vendo onde é que tem terra e tecnologia para plantar tudo isso, senão por aqui, no nosso território.

Além do que, nós não queremos ser exportadores só de *commodities*. Nós queremos ser exportadores de conhecimento também. Eu, por exemplo, como presidente do Brasil, eu estou cansado de exportar toneladas de minério de ferro, eu quero ver se eu consigo exportar um “chipzinho”, desse tamanho, que vale por uma tonelada de minério. E, para isso, nós precisamos fazer com que o nosso conhecimento científico e tecnológico trabalhe junto, para que a gente cresça, enquanto duas nações poderosas.

É assim que nós vamos fazer, Argentina e Brasil serem duas grandes economias e participarem das decisões dos grandes temas que o mundo precisa demais, gente.

Portanto, companheiros, muito obrigado a todos vocês, e que vocês estejam junto conosco na próxima bilateral entre Argentina e Brasil. Lamentavelmente, nem Dunga, nem Maradona deram sorte. Dunga já caiu, Maradona já caiu. Vamos ver se... Só espero, só espero, só espero que a Argentina não tenha perdido a Copa do Mundo de 2010 pensando em ganhar a Copa do Mundo de 2014. Só espero. É bom logo avisar para os jogadores argentinos, porque eu estarei com setenta, 68 anos, não é possível que aconteça conosco o que aconteceu em [19]50. Como eu acredito em Deus, eu estou convencido de que Deus fez a gente fazer aquele fiasco agora, na África do Sul, para a gente poder se sagrar campeão em 2014.

Um grande beijo e até outro dia, se Deus quiser.



**Presidente Cristina Kirchner:** (em espanhol)

(\$31FGJLMQ)